



Universidade de Brasília

Ministério da Educação

Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares

Centro de Formação Continuada de Professores

Secretaria de Educação do Distrito Federal

Escola de Aperfeiçoamento de Profissionais da Educação

Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica

O PAPEL DO COORDENADOR PEDAGÓGICO DIANTE DA INDISCIPLINA ESCOLAR

Isana Raquel Rodrigues de Lima

Professora Orientadora: Profa. Dra. Liliane Campos Machado
Tutor-Orientador: Prof. Me. Juscelino Francisco do Nascimento

Brasília

2015

Isana Raquel Rodrigues de Lima

**O PAPEL DO COORDENADOR PEDAGÓGICO DIANTE DA INDISCIPLINA
ESCOLAR**

Monografia apresentada para a banca examinadora do Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica como exigência parcial para a obtenção do grau de Especialista em Coordenação Pedagógica sob orientação da Profa. Dra. Liliane Campos Machado e do Prof. Me. Juscelino Francisco do Nascimento.

Brasília

2015

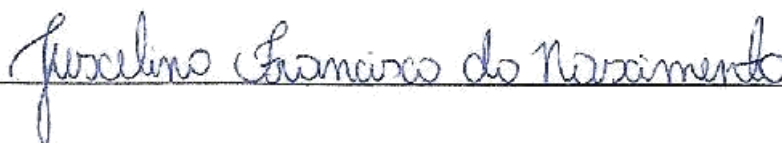
Isana Raquel Rodrigues de Lima

O papel do coordenador pedagógico diante da indisciplina escolar

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista em Coordenação Pedagógica pela seguinte banca examinadora:



Profa. Dra. Liliane Campos Machado - FE/UnB
(Professora-orientadora)



Prof. Me. Juscelino Francisco do Nascimento – (UFPI/UnB)
(Examinador interno)



Profa. Ma. Lizandra Caires do Prado – (UnB)
(Examinadora externa)

Brasília, 19 de dezembro de 2015

À minha família; ao meu esposo, Wendell, por sempre me incentivar a estudar; aos meus filhos, Lisandra e Heytor, para que eu sirva de exemplo a eles no gosto pelo estudo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, em primeiro lugar, por ter me dado força e equilíbrio para concluir este trabalho.

Às minhas amigas, Adelena, Fabiana e Ivanilce por sempre me incentivarem a perseverar e não interromper os estudos.

Ao professor tutor, Prof. Me. Juscelino Francisco do Nascimento, pela sua sabedoria e paciência nas orientações dadas a mim.

“A primeira meta da educação é criar homens que sejam capazes de fazer coisas novas, homens que sejam criadores, inventores, descobridores”.

Jean Piaget

RESUMO

O objetivo deste trabalho é discorrer acerca do papel da escola e do coordenador pedagógico diante dessa problemática da indisciplina tão atual e latente da educação. O referencial teórico aborda o conceito de indisciplina na escola, de acordo com alguns estudiosos e suas possíveis causas, com base, principalmente, em Aquino (1998), La Taille (1994) e Parrat-Dayan (2008). Neste trabalho, foi adotada a pesquisa qualitativa, por se atentar mais à profundidade do objeto de estudo e não somente a quantificar dados. Esse estudo chegou à conclusão de que há a necessidade de o professor estar em constante formação continuada, para dar conta das mudanças que acontecem na sociedade e que se refletem, diretamente, no ambiente escolar. Assim, é papel do coordenador pedagógico incentivar e, até mesmo, promover formações no âmbito das coordenações coletivas. É indispensável, também, a parceria entre família e escola e a sensibilização e reflexão do professor em relação à sua prática pedagógica. A chave para solucionar o problema da indisciplina está na relação professor-aluno em sala de aula, considerando o estudante como ser criativo e participativo no processo educacional.

Palavras-chave: Indisciplina; Coordenador Pedagógico; Formação Continuada.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 O QUE É INDISCIPLINA?.....	10
1.1 POSSÍVEIS CAUSAS DA INDISCIPLINA	11
1.2 A ESCOLA E A INDISCIPLINA	16
1.3 O PAPEL DO COORDENADOR PEDAGÓGICO DIANTE DA INDISCIPLINA ESCOLAR.....	17
2 METODOLOGIA	21
2.1 LOCAL DA PESQUISA	23
2.2 PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	23
2.3 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS DA PESQUISA.....	23
3 ELABORAÇÃO DOS INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS.....	25
4 ANÁLISE DE DADOS.....	27
4.1 QUESTIONÁRIOS	27
4.2 OBSERVAÇÃO	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS.....	35
APÊNDICES	37
Apêndice A.....	39
Apêndice B.....	41

INTRODUÇÃO

Este trabalho discorre sobre o papel da escola e do coordenador pedagógico diante da indisciplina na escola. A pesquisa foi realizada em uma escola classe de Taguatinga junto aos professores, coordenadores, equipe diretiva e alunos de uma turma de segundo ano do ensino fundamental com o objetivo de descobrir as possíveis causas e consequências da indisciplina em sala de aula.

O desenvolvimento desta pesquisa deve-se à ocorrência de diversos episódios de indisciplina na referida escola e a necessidade de buscar soluções pautadas na realidade da escola para esse problema da atualidade educacional.

Além de buscar descobrir os fatores que desencadeiam o interesse e a indisciplina dos alunos, esse trabalho procura analisar e citar ações realizadas pelos gestores e coordenação pedagógica junto aos professores para sanar os problemas de indisciplina. E, por fim, refletir sobre a necessidade da formação continuada dos professores para melhorar qualitativamente o trabalho pedagógico percebendo a necessidade de mudança na prática pedagógica do professor, bem como na intencionalidade do planejamento.

A pesquisa é composta por quatro capítulos dispostos assim: capítulo 1- Referencial Teórico; capítulo 2 – Metodologia; capítulo 3- Instrumentos de coleta de dados e capítulo 4- Análise e coleta de dados.

O capítulo 1 trata da abordagem dos estudiosos a respeito da problemática da indisciplina em sala de aula, conceituando indisciplina e relatando suas possíveis causas. Esse capítulo também descreve a relação entre escola e indisciplina e suas implicações; enfatizando a importância do trabalho coletivo da escola, bem como a necessidade da formação continuada do professor. E, finalmente, o papel do coordenador pedagógico diante dessa problemática.

O capítulo 2 refere-se à metodologia utilizada a essa pesquisa. A pesquisa é qualitativa por obter um maior aprofundamento do objeto estudado. Neste capítulo, são especificados, também, o local da pesquisa, os participantes (equipe gestora, professores, coordenadores e alunos) e os instrumentos que serão utilizados na coleta de dados, a saber: o questionário e a observação. O capítulo 3 discorre, mais detalhadamente, sobre esses instrumentos que serão utilizados.

E, finalmente, o capítulo 4 trata da análise da coleta de dados, na qual os resultados foram comparados aos pensamentos dos estudiosos presentes neste trabalho.

Este trabalho pretende revelar o papel do coordenador pedagógico diante da indisciplina escolar, bem como sua importância para o processo educativo, como agente investigativo e conciliador de conflitos.

1 O QUE É INDISCIPLINA?

Sabemos que, atualmente, uma das maiores reclamações dos professores em relação à prática pedagógica é a indisciplina apresentada pelos alunos, uma vez que ela atrapalha o bom andamento da aula, dispersa os que estão atentos, o que faz com que se perca muito tempo tentando retornar à calma após demonstrações de indisciplina, dentro de sala.

A indisciplina pode ser vista sob vários ângulos e formas, ou seja, ela é bem subjetiva. Muitas vezes, o que pode ser visto por um professor como ato de indisciplina, pode ser encarado por outro como natural. Para Parrat-Dayan (2008), indisciplina é uma infração ao regulamento interno, é uma falta de civilidade e um ataque às boas maneiras e, acima de tudo, é a manifestação de um conflito, o que pode ocasionar desestabilidade para o docente.

Nesse sentido, cabe destacar o conceito de disciplina. Se a indisciplina é uma infração ao regulamento interno, disciplina seria seguir, corretamente, as normas e o regulamento da escola, ter boas maneiras. O professor, ao exigir disciplina na sala de aula, pretende alcançar a aprendizagem dos alunos, por isso, a disciplina faz parte do ambiente escolar.

Fala-se muito que os alunos de antigamente obedeciam mais e seguiam as regras que lhes eram impostas ou, em outras palavras, eram mais disciplinados. Entretanto, sabe-se que, para cada regra descumprida, havia uma punição rigorosa e o professor era considerado autoridade máxima em uma sala de aula.

Nessa direção, havia mais uma relação de hierarquia. Hoje, não acontece dessa forma, pois temos uma escola mais democrática, as crianças são educadas pela família de uma maneira diferente, os modelos de família são diferenciados. Desse modo, o professor precisa buscar outras formas para conseguir alcançar a disciplina dos estudantes.

Segundo Barroso (2004), a disciplina constitui um modo de imposição da ordem escolar e a indisciplina constitui a reação negativa a essa imposição. Para ele, isso implica que ambas são intrinsecamente violentas. Uma (disciplina) porque tem que ser imposta e a outra (indisciplina) pela necessidade de contestação. Ao mesmo tempo em que existe esse pensamento, sabemos que a disciplina e a aprendizagem estão diretamente ligadas, isto é, a disciplina facilita, permeia o

caminho para a aprendizagem. Se a disciplina é facilitadora da aprendizagem, por que, atualmente, a indisciplina é uma das maiores queixas dos profissionais da educação? É preciso conhecer ou tentar supor as causas de tantas manifestações de indisciplina na escola.

1.1 POSSÍVEIS CAUSAS DA INDISCIPLINA

Atualmente, o homem contemporâneo mostra-se mais interessado somente no que lhe é íntimo, deixando de lado o que é coletivo. Como exemplo, podem-se citar pequenas ações que beneficiam a sociedade como um todo e não são realizadas. Atos como jogar lixo nas ruas, o desrespeito às regras de trânsito e a consequente direção perigosa retratam o desprezo de alguns indivíduos pela coletividade, pelo que é público.

Assim, também, acontece na escola, na qual só o fato de ser uma instituição e a figura do professor estar ali para ensinar não basta, pois é necessário conquistar o aluno, motivá-lo, procurar conhecer seus interesses, senão, fatalmente, ocorrerão episódios de indisciplina e desinteresse pelo conteúdo dado, a despeito de sua qualidade intelectual e do professor.

Nessa direção, La Taille (1994, p. 21) afirma que “não é mais em nome de uma norma que se pode exigir certos comportamentos dos alunos, mas sim pela procura (no fundo impossível) de contemplar suas motivações mais recônditas”, ou seja, cultua-se a motivação e não mais a necessidade de ter disciplina para estudar e aprender.

Além disso, há a supervalorização da infância e juventude em detrimento da velhice e sabedoria, ou seja, o mais importante é ser jovem na atualidade e os conhecimentos das pessoas mais velhas, muitas vezes, não são levados em conta ou admirados pelos mais jovens. Com o surgimento dos direitos das crianças, a família passa a ter um perfil de centralização nos interesses das crianças e não mais nos adultos. Todas as vontades da criança são atendidas pelos pais, que têm medo de frustrá-la. Os pais deixam de passar seus valores aos filhos, corrigi-los quando necessário e tornam-se “amigos”, não dão mais ordens, tudo é negociado. Assim, também, acontece na escola, na qual não se admira, nem se almeja mais o estudo e a instrução e, muitas vezes, ser ignorante e preguiçoso não é mais sinônimo de

vergonha, porque a mídia prolifera esses “personagens” constantemente, parecendo interessantes e cômicos.

Diante desse panorama, La Taille (1994, p. 22) destaca que,

a indisciplina em sala de aula não está ligada puramente a ‘falhas’ psicopedagógicas, mas que o que está em voga é o lugar que a escola ocupa hoje na sociedade, o lugar que a criança e o jovem ocupam, o lugar que a moral ocupa.

Nesse contexto, a escola precisa enfatizar para os alunos e para a sociedade toda que seu objetivo principal é a preparação para o exercício da cidadania e que, para ser cidadão, fazem-se necessários uma boa formação com conhecimentos aprofundados, respeito pelo espaço público e, claro, o seguimento de normas em busca de uma harmonia, pois, como se sabe, vivemos em uma democracia.

Já para Parrat-Dayan (2008, p. 55),

as causas para a indisciplina podem ter origem externa ou interna à escola. As causas externas podem ser vistas na relativa influência dos meios de comunicação, na violência social e também no ambiente familiar. O divórcio, a droga, o desemprego, a pobreza, a moradia inadequada, a ausência de valores, a anomia familiar, a desistência por parte de alguns pais de educar seus filhos, a permissividade sem limites, a violência doméstica e a agressividade de alguns pais com os professores podem ser a raiz do problema.

Em se tratando das causas de origem externa acima citadas, é notório que a sociedade possui diferentes culturas, referências e valores. Essas diferenças podem influenciar ou causar um choque, um embate entre professor e aluno. Há também a questão da competição da escola com o mundo virtual, ou seja, com os meios de comunicação, tais como a televisão, internet, celulares. Percebe-se, ainda, a predominância do individualismo em detrimento de uma coletividade.

Nesse cenário, a escola pode usar alguns meios a seu favor, como os recursos audiovisuais, como o uso de laboratórios, por exemplo, a fim de tornar as aulas mais interessantes e atrativas.

Há também um discurso e, até mesmo, um consenso entre os docentes de que algumas famílias que não dão limites à criança e ao jovem e são altamente permissivos atrapalham o trabalho pedagógico dos professores. De igual modo, há a

crença de que alunos provenientes de famílias “desestruturadas”, “abandonados” pelos pais, serão, necessariamente, crianças indisciplinadas.

Aquino (1998) discorda, em parte, desse pensamento, uma vez que, para ele, nem sempre há essa relação. Há, sim, que se distinguir o trabalho familiar, que é o da moralização da criança (função primordial dos pais ou seus substitutos); e a tarefa do professor, que diz respeito ao conhecimento sistematizado e sua apropriação e recriação pelo aluno. À família é destinada a ordenação da conduta da criança, moralizando seus hábitos e atitudes; e à escola cabe a ordenação do pensamento do aluno, por meio da aquisição de um legado cultural representado nas diversas áreas do conhecimento.

De acordo com Aquino (1998), quando algumas crianças demonstram indisciplina ou posturas morais mínimas para desenvolver o bom trabalho em sala de aula, trata-se apenas de um complicador que não impede que o trabalho pedagógico seja realizado. Isso porque o docente não pode nem deve tomar para si uma função que deve ser exercida pela família.

É interessante e pertinente o pensamento desse autor, porque, no momento em que o professor deixa de cumprir sua função profissional, que é o trabalho com o conhecimento, e tenta realizar o trabalho de moralização da criança, que cabe à família, então está caracterizado um desvio de função, que desemboca em várias consequências: desperdício da qualificação e talento do professor, o trabalho pedagógico fica prejudicado, porque é deixado um pouco de lado para se resolver problemas de indisciplina ou ausência de valores na criança.

Entretanto, tais constatações permitem profundas reflexões, por exemplo: como lidar com problemas indisciplina que acontecem frequentemente em sala de aula, mesmo o professor desempenhando bem seu papel pedagógico, sua função de ensinar? Por que isso, de fato, acontece? É possível pensar, refletir e analisar e chegar à conclusão de que se faz necessário mudar posicionamentos, discutir o currículo em sala da aula, quando possível, bem como, debater a respeito das regras de convivência. No mundo em que se vive hoje, as regras podem ser criadas, negociadas e renegociadas, afinal de contas, vive-se em uma democracia. A relação entre professor e aluno deve ser reavaliada.

É sabido que a estrutura das famílias da sociedade de hoje está bem diversificada, com culturas e valores diferenciados, fato que se reflete na escola; e o

professor necessita lidar com tanta diversidade de pensamentos, porque essas diferenças culturais podem gerar, em algumas crianças, atitudes de indisciplina.

Para Parrat-Dayan (2008), a causa da indisciplina pode ser explicada por razões sociais, sociofamiliares, problemas cognitivos e fatores situacionais; mas não está só no aluno. É importante pensar, também, em mudanças nas relações em sala de aula e nas instituições escolares atuais. Pode-se refletir, a partir dessa afirmação, que projetos construídos coletivamente, com a participação efetiva dos alunos, pais, professores, coordenadores e equipe gestora consigam solucionar ou amenizar eventuais casos de indisciplina na escola.

Com relação às diversas estruturas familiares que existem atualmente, bem como a permissividade sem limites, são fatores mais difíceis de serem solucionados, uma vez que são desafios da educação atual. *A priori*, o que pode ser feito é tentar aproximar a família e a escola e, nesse caso, entra a figura do coordenador pedagógico e professor, buscando laços e mostrando para os alunos que há uma parceria entre escola e família. Quando possível, essas atitudes demonstram unidade e a criança percebe.

Existem, também, as causas internas de indisciplina que ficam no ambiente escolar e são deflagradas na relação professor/aluno. Alguns alunos apresentam desmotivação, as condições de ensino-aprendizagem (ambientes escolares precários, falta de material pedagógico, laboratórios de informática sem manutenção, o lanche poderia ser mais nutritivo etc.) e a falta de autoridade do professor. O docente, na tentativa de enfrentar o problema, em alguns momentos pode agir com repressão, ao elevar o tom de voz, tirar o momento da recreação, sobrecarregar o aluno com muitas atividades. Mas também pode prevenir-se, fazendo combinados com os alunos e os repetindo sempre que for necessário, planejar aulas mais dinâmicas com atividades diferenciadas no decorrer do período. Além disso, pode nomear ajudantes, com o objetivo que eles realizem atividades que seriam do professor, enfim, buscar um bom relacionamento entre professor e aluno.

Em contrapartida, Rego acredita que algumas justificativas acima citadas e esplanadas são mitos. Segundo a autora (1996, p. 91)

as explicações, mitos e crenças sobre o fenômeno da indisciplina na sala de aula difundidos no meio educacional, além de acarretarem

preocupantes implicações à prática pedagógica, se embasam em pressupostos preconceituosos, superados e equivocados sobre as bases psicológicas do desenvolvimento e aprendizagem do ser humano, sobre as dimensões biológicas e cultural envolvidas na formação de cada pessoa.

A autora acredita que sempre uma parcela dos grupos que fazem parte da educação vai culpando o outro: os pais culpam ou colocam toda a responsabilidade para os professores; os professores culpam os alunos e as respectivas famílias e tudo isso implica um olhar parcial e pouco fundamentado sobre o problema. É preciso que haja um aprofundamento nas reflexões sobre essas questões. Além disso, é importante nos atentarmos, também, para a visão do aluno que reclama e justifica sua indisciplina nas falhas no sistema escolar, como falta de clareza dos educadores, aulas monótonas, do pouco tempo de lazer, entre outros.

Com isso, constatamos que a questão da indisciplina escolar é bastante complexa e possui vários pontos de vista e aspectos a serem estudados e analisados.

Vygotsky (1984), com seus estudos sobre o desenvolvimento humano, concebe que as características de cada indivíduo vão sendo formadas pelas diversas interações do indivíduo com o meio. Pensando assim, podemos afirmar que ninguém nasce indisciplinado e que a educação recebida pela família e pela escola exercem papel primordial na formação das pessoas e que a ausência desses papéis bem exercidos pode ocasionar atitudes de indisciplina nos estudantes.

1.2 A ESCOLA E A INDISCIPLINA

O professor, atualmente, vê a necessidade de mudar a sua postura diante das novas gerações de alunos, das mudanças ocorridas na sociedade, na democratização da escola, de forma que todos são acolhidos e, assim, há diversidade de comportamentos. Isso porque se ele não buscar um bom relacionamento com os pais e alunos, dificilmente conseguirá atingir o objetivo da escola, que não é somente a aprendizagem, mas, também, a formação de valores, saber conviver em coletividade.

Além desse bom convívio, há que se pensar na melhoria das aulas, tornando-as mais interessantes, interativas, buscando a reflexão e mudança de

comportamento da criança em relação ao mundo em que vive. Apesar de ainda ouvirmos alguns professores falarem que só têm que ensinar o conteúdo, propriamente dito, é preciso tomar consciência que é mais que isso, já que, de acordo com Parrat-Dayan (2008, p.105), Piaget afirmou, em 1931, que “ a educação é um todo, que não se pode ter ali uma gaveta para a inteligência, uma para a moral e uma para a cooperação entre os povos.” É notório que boa parte dos professores busca um planejamento com essas características do desenvolvimento global da criança. Utilizando os recursos que tem disponível, se não tem livro didático para todos, utiliza a internet por meio do celular dos alunos, por exemplo. Os alunos percebem quando um professor é dedicado, posto que ele procura alternativas e modos de ensinar diferenciados e corresponde com seu interesse e empenho.

É importante salientar a respeito da formação do professor que necessita ser integral e continuada, porque sempre há mudanças que precisam ser acompanhadas pelo docente, o qual deve ser aquele que auxilia o aluno com maneiras de aprender e não um mero transmissor de conhecimentos, o que não se trata de uma tarefa fácil, diante da infinidade de pensamentos dos alunos.

Tais exigências configuram-se como um desafio para o professor, o que ocasiona a necessidade de ele estar sempre estudando, na busca em aliar a teoria à prática pedagógica.

O trabalho coletivo da escola na tarefa educativa em relação à disciplina é, igualmente, relevante, pois o professor sozinho não conseguirá atingir essa postura de todos os alunos. Desse modo, os projetos desenvolvidos na escola como um todo devem se voltar para a construção e formação de atitudes nos alunos, tais como solidariedade, cooperação e respeito aos colegas, professores e funcionários. Além disso, devem dar condições às crianças que construam e interiorizem os valores trabalhados, mesmo que não tenham essa oportunidade em casa, pois, como explica Rego (1996, p. 98):

mesmo as crianças provenientes de 'lares comprometidos', cujo ambiente familiar é desprovido de adequados estímulos e orientação, terão condições de superar estas adversidades caso tenham a oportunidade de vivenciar, em outros contextos educativos, um modelo diferente de educação. Nesse sentido, a escola, entendida como um local que possibilita uma vivência social diferente do grupo familiar, tem um relevante papel de oferecer a oportunidade da criança ter acesso a informações e experiências novas e

desafiadoras, capazes de provocar transformações e de desencadear novos processos de desenvolvimento e comportamento.

Verifica-se, então, que, independente das causas de indisciplina que ocorrem na escola, faz-se necessário rever e refletir a respeito da prática pedagógica desenvolvida, inclusive no que tange ao currículo, aos projetos coletivos desenvolvidos pela escola, a maneira de abordar as regras a serem cumpridas, ou seja, as crianças precisam saber o motivo, o porquê da existência das regras.

1.3 O PAPEL DO COORDENADOR PEDAGÓGICO DIANTE DA INDISCIPLINA ESCOLAR

O coordenador pedagógico exerce um papel importante dentro de uma instituição escolar de uma maneira geral e em se tratando do problema da indisciplina mais ainda, pode-se e deve-se esperar ações de mediação de sua parte.

Como esse problema da indisciplina está recorrente na fala dos docentes, é perceptível que alguns professores estão se deixando abalar e apresentam desânimo e desmotivação no exercício de sua profissão.

Nesse sentido, a figura do coordenador pedagógico entra em cena como incentivador de reflexões de que é possível mudar a prática pedagógica dos docentes, criar espaços de diálogo nos momentos de coordenação pedagógica, onde os professores podem compartilhar saberes, angústias, relatar métodos, procedimentos e planejamentos que tiveram resultados positivos com relação a atos de indisciplina em sala de aula. Além disso, o coordenador pedagógico pode propor ações conjuntas no sentido de tornar as aulas e o ambiente escolar mais atrativo, por meio de projetos educacionais onde todo o coletivo da escola esteja envolvido, tanto na elaboração como na execução.

E estas reflexões promovidas pelo coordenador devem resgatar o professor como sujeito ativo no processo educativo, com desejo de desempenhar bem seu papel em sala de aula. Outra possibilidade seria tentar apontar caminhos, direcionar, buscar soluções possíveis, dentro da realidade da escola e de sua comunidade, que estejam ao alcance de todos (direção, coordenação e professores).

É interessante salientar que, nesse processo, o aluno também é um sujeito ativo e que suas ideias e opiniões devem ser levadas em consideração, porque a criança é capaz de construir seus conhecimentos direcionados por seus próprios interesses e necessidades. Nesse sentido, Parrat-Dayan (2008, p.110) afirma que

trata-se de respeitar o aluno, de desenvolver sua personalidade, de estimular o espírito de criatividade e de formar seu caráter; além de possibilitar a abertura para interesses intelectuais, artísticos e sociais. Trata-se, também de favorecer o espírito de cooperação e de preparar a criança para tornar-se cidadã, ou seja, dar a ela uma formação integral. O aluno deve ser protagonista de sua própria formação.

Ou seja, o aluno tem que participar ativamente do processo educativo, por ser agente em seu processo de aprendizagem e ter direito à aprendizagem.

Vasconcellos (1996, p. 240) entende que o problema da indisciplina “é tarefa de todos: sociedade, família, escola, professor e aluno, todavia, nem todos estão interessados em resolver o problema.”

Ele defende que cada um dos segmentos supracitados faça sua parte e se aliem para cobrar das partes que não o fazem. Ou seja, para mudar é preciso redirecionar o foco, no lugar de se falar em culpa passa-se a refletir a respeito da relevância das responsabilidades.

Essa mudança de foco é importante, porque incentiva e prioriza o cumprimento do dever de cada parte envolvida, o desempenho de suas responsabilidades, buscando, assim, solucionar a problemática da transferência de responsabilidades.

Nesse contexto, novamente entra a figura do coordenador pedagógico, propondo no ambiente escolar um espaço de diálogo e confiança, incentivando a formação continuada dos professores e, ao mesmo tempo, necessita também reconhecer e valorizar os saberes, a bagagem que os professores trazem consigo, promovendo inclusive momentos de compartilhamento de saberes e experiências vivenciadas, bem como a sua sistematização. O coordenador pedagógico precisa, ainda, ter um bom senso e saber ouvir os anseios e reclamações do dia a dia dos docentes. Enfim, é necessário todo um trabalho de equipe para a educação acontecer, efetivamente.

Outro ponto de fundamental importância diz respeito à aproximação da família e escola, pois quando há essa parceria quem ganha é o aluno em sua formação integral como cidadão. Isso porque, como afirma Rego (1994, p. 98):

os traços que caracterizarão a criança e o jovem ao longo de seu desenvolvimento não dependerão exclusivamente das experiências vivenciadas no interior da família, mas das inúmeras aprendizagens que o indivíduo realizará em diferentes contextos socializadores.

Pois bem, se a escola e a família estiverem integradas, falando a mesma linguagem, trabalhando juntas na formação das crianças, eventuais problemas de indisciplina serão sanados.

É indubitável que se trata de um desafio a ser vencido por todos os envolvidos no processo educativo, mas o professor e o coordenador pedagógico precisam acreditar que a mudança é possível e que são efetivos agentes transformadores da realidade em que estão inseridos.

2 METODOLOGIA

Sabemos que a indisciplina está presente no ambiente escolar e, nos últimos tempos, vem se apresentando como um grande problema. Ela pode manifestar-se de diversas maneiras, por exemplo: o aluno negar-se a aprender, desrespeitar as regras da sala de aula e escola, apresentar comportamentos inadequados, atrapalhar o andamento da aula com barulhos e brincadeiras fora de hora.

No entanto, podemos pensar que algumas dessas manifestações podem ter diversas explicações ou motivos, dentre os quais podemos cogitar: aulas desinteressantes para os alunos, um sistema escolar com muita rigidez na disciplina, desconsiderando que as crianças aprendem de diferentes maneiras, possibilidade de normas e cultura dos alunos diferirem das do professor, entre outros.

De acordo com Passos, o fato é que se deve colocar a necessidade de disciplina em segundo plano, em relação ao que é mais importante para a criança, que é a aprendizagem, pois “o ato pedagógico é o momento do emergir das falas, do movimento, da rebeldia, da oposição, da ânsia de descobrir e construir juntos, professores e alunos” (PASSOS, 1994, p. 118).

No entanto, um grande número de professores reclama e atribui à indisciplina de algumas crianças como sendo uma das causas dos problemas de aprendizagem ou do fracasso escolar.

Diante deste panorama atual da educação, este trabalho procura analisar e refletir sobre as causas da indisciplina e o papel da escola acerca desse problema. Para tanto, é necessário método, que se entende como o caminho a ser trilhado, percorrido no intuito de se alcançar uma resposta ou possível solução de um problema. Metodologia científica, segundo Tartuce (2006) apud Gerhardt e Silveira (2009, p. 11) “é o estudo sistemático lógico dos métodos empregados nas ciências, seus fundamentos, sua validade e sua relação com as teorias científicas.”

Isso quer dizer que a metodologia utiliza-se de uma série de atividades em uma ordem determinada visando elaborar conclusões. Portanto, o instrumento que consolida a metodologia é a pesquisa. Neste trabalho, foi adotada a pesquisa qualitativa, por se atentar mais à profundidade do objeto de estudo e não somente quantificar dados. Como afirma Minayo (2001 apud SILVEIRA e CÓRDOVA, 2009, p. 32):

a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Pensando assim, é possível perceber que a pesquisa qualitativa está focada no entendimento dos acontecimentos dentro das relações sociais. Isso quer dizer que não se trata apenas de uma mera tabulação de números e dados, mas de analisar os fatos mais profundamente, buscando, assim, novas informações a respeito do tema investigado.

Seguindo essa linha de pensamento, a modalidade de pesquisa escolhida foi o estudo de caso, que se caracteriza como a análise de um objeto de um único indivíduo ou de casos múltiplos, objetivando conhecer mais a fundo os fenômenos, bem como explicá-los. Assim, Fonseca (2002 apud SILVEIRA e CÓRDOVA, 2009, p. 39) reitera as características e define o estudo de caso, como:

um estudo de caso pode ser caracterizado como um estudo de uma entidade bem definida como um programa, uma instituição, um sistema educativo, uma pessoa, ou unidade social. Visa conhecer em profundidade o como e o porquê de uma determinada situação que se supõe ser única em muitos aspectos, procurando descobrir o que há nela de mais essencial e característico. O pesquisador não pretende intervir sobre o objeto a ser estudado, mas revelá-lo tal como ele o percebe.

Conclui-se com essa definição que o estudo de caso tem caráter empírico e refere-se a fenômenos de relevância como é o caso do tema desta pesquisa: a indisciplina escolar.

2.1 LOCAL DA PESQUISA

Esta pesquisa foi realizada em uma escola de anos iniciais do ensino fundamental, situada na região administrativa de Taguatinga. É uma escola pequena que atende alunos do Bloco Inicial de Alfabetização (BIA) e do quarto e quinto anos do Ensino Fundamental.

2.2 PARTICIPANTES DA PESQUISA

Participaram da pesquisa alunos de uma turma do segundo ano, composta por quatorze crianças, sendo oito meninos e seis meninas. É importante ressaltar que a pesquisa foi feita por acontecerem momentos de indisciplina em sala de aula, no dia a dia escolar. Além desses, fizeram parte da pesquisa, também, professores, coordenadores e equipe gestora da escola.

2.3 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS DA PESQUISA

Os instrumentos utilizados nesta pesquisa foram o questionário e a observação. O primeiro foi aplicado para os professores, coordenadores, equipe gestora e para os alunos. A escolha do questionário foi feita por ser um eficiente instrumento para coleta de dados. As perguntas que constam no questionário foram claras e de linguagem simples e direta, conforme afirmam Kauark, Manhães e Medeiros (2010).

Por esse motivo, foram elaboradas questões abertas com intuito de deixar os participantes da pesquisa à vontade para responder de acordo com seus pensamentos, opiniões e experiências vivenciadas.

A observação foi realizada com os alunos diariamente e o foco, o objeto observado foi a questão comportamental, a indisciplina em sala de aula e que motivos a desencadeiam. Kauark, Manhães e Medeiros (2010, p. 62), confirmam que “na observação são aplicados atentamente os sentidos a um objeto, a fim de que se possa, a partir dele, adquirir um conhecimento claro e preciso.” Por meio da observação, foram captados os reais comportamentos dos alunos e suas reações diante de diferentes intervenções realizadas pela professora regente, tendo sido possível, assim, inferir os motivos que levam à indisciplina, bem como as ações positivas tomadas para solucionar os conflitos.

3 ELABORAÇÃO DOS INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Com o objetivo de analisar os fatores que ocasionam o problema da indisciplina na escola, as técnicas utilizadas para coleta de dados deste estudo foi o questionário e a observação direta.

A técnica do questionário foi escolhida por apresentar confiabilidade e pelo fato de as questões atenderem às finalidades desta pesquisa. O questionário também é considerado um dos mecanismos mais utilizados no intuito da obtenção de informações, em se tratando de pesquisas científicas. De acordo com Gil (2008, p. 121):

pode-se definir como questionário a técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas as pessoas com propósito de obter informações sobre conhecimento, crenças, sentimentos, valores, comportamento e etc.

Além do questionário, destinado aos professores, coordenadores, equipe gestora e alunos, houve, ainda, a observação direta das crianças, por ser um método capaz de captar o comportamento natural delas, fator muito relevante para os objetivos desta pesquisa. A observação aconteceu de modo natural nas interações das atividades do cotidiano escolar, ou seja, foi o que chamamos de acordo com Kauark, Manhães e Medeiros (2010, p.62) “uma observação participante em que o pesquisador participa da situação em que está estudando, sem que os demais elementos percebam a posição dele”

É importante salientar que existiram cuidados tomados no processo de observação. Foi preciso analisar o local, selecionar os acontecimentos que seriam relevantes para registrar e elaborar um relatório, a fim de que a observação alcance resultados mais efetivos e fidedignos dos fatos ou fenômenos observados.

O questionário utilizado para a equipe gestora, coordenadores e professores foi composto pelas seguintes indagações:

1. O que você considera como indisciplina na sala de aula?
2. Que fatores contribuem para que o aluno seja indisciplinado?
3. Que postura o professor deve tomar para enfrentar e solucionar a indisciplina em sala de aula?

4. Qual é o papel do coordenador e da equipe gestora diante da indisciplina na escola?

5. Você acha que a indisciplina em sala de aula interfere na aprendizagem das crianças? De que forma?

6. Quais ações ou projetos que a escola (equipe gestora, coordenação) realiza no intuito de amenizar os problemas de indisciplina?

O questionário destinado às crianças foi elaborado com os seguintes questionamentos:

1. O que você acha que é indisciplina na sala de aula?

2. Como é seu comportamento em sala? Você conversa muito ou bagunça? Por quê?

3. O que você acha que pode ser feito para melhorar o comportamento dos alunos da sua sala?

4. As aulas que você tem são interessantes? Do que você não gosta?

5. Quando tem barulho, agitação na sala, você aprende mesmo ou te atrapalha? Por quê?

Depois de coletadas as respostas, os dados foram tabulados e analisados, conforme apresentaremos, *a posteriori*, neste trabalho.

4 ANÁLISE DE DADOS

Neste capítulo, procederemos à análise dos dados coletados para este estudo, por meio de dois instrumentos: questionários e observação, os quais serão apresentados nesta ordem.

4.1 QUESTIONÁRIOS

Os questionários foram aplicados com o intuito de investigar e descobrir os fatores que desencadeiam a indisciplina em sala de aula, bem como o papel do coordenador pedagógico, diante dessa problemática. Além disso, buscamos explicações e possíveis soluções exequíveis para a indisciplina na escola e a descrição das ações ou projetos realizados no âmbito escolar que auxiliam na eliminação ou amenização desse problema. Aplicamos dois questionários diferentes: um direcionado para os 14 alunos de uma turma de segundo ano do ensino fundamental; e outro para a equipe gestora: a diretora e vice-diretora, para as 2 coordenadoras e, finalmente, 10 professores. Isso implica que 14 pessoas responderam ao questionário.

Inicialmente, temos a análise dos questionários direcionados aos professores, coordenadores e equipe gestora. A primeira pergunta foi a seguinte: O que você considera como indisciplina na sala de aula?

As respostas mais recorrentes foram que a indisciplina acontece quando os alunos apresentam comportamentos inadequados ao ambiente escolar. Em seguida, tivemos a constante demonstração de falta de respeito tanto com o professor como com os alunos; e, por último, o não cumprimento de normas e combinados.

Tais respostas corroboram o conceito que Parrat-Dayán (2008, p. 8) nos oferece: “a indisciplina é uma infração ao regulamento interno, é uma falta de civilidade e um ataque às boas maneiras.” Para a autora, essas normas e combinados precisam ser (re)definidos e negociados de maneira democrática, fato que representa uma novidade dentro da escola até os dias de hoje.

Além das respostas supracitadas, ainda foram mencionadas as seguintes: que a indisciplina relaciona-se a comportamentos em sala de aula; que afetam a aprendizagem dos alunos; a não realização das atividades propostas; conversa

excessiva fora de hora; alunos que tiram a atenção de colegas mexendo com eles constantemente; correr em sala de aula e sair do lugar repetidas vezes; e, por fim, a apresentação de comportamento agressivo.

Após conceituarem indisciplina, foi-lhes perguntado: que fatores você considera que contribuem para que o aluno seja indisciplinado?

Seis docentes atribuíram à falta de limites no ambiente familiar para as causas da indisciplina, pois justificaram que esse fator acaba se estendendo para a sala de aula. Tal constatação nos remete ao que pensa Rego (1996, p. 89), quando afirma que “[...] a responsabilidade pelo comportamento do aluno na escola parece ser única e exclusivamente da família.” Para ela, isso é uma maneira que a escola encontra de se isentar de uma revisão interna, já que o problema passa a ser de ordem externa ao ambiente escolar.

Ainda foram citados, com mais recorrência, os seguintes fatores que parecem estar relacionados à primeira resposta: falta de acompanhamento e orientação familiar na vida escolar dos filhos; família omissa, que transfere suas responsabilidades para a escola; e desestrutura familiar.

Diante de tais respostas, percebe-se o que afirma Lajonquière (1996, p. 26) a esse respeito: “não há dúvidas de que esses raciocínios são viciosos e fazem parte de um discurso pedagógico hegemônico.” Ele quer dizer com que essas respostas dadas pelos docentes são clássicas e o professor as utiliza para justificar as causas da indisciplina e, também, dos problemas de aprendizagem que os alunos apresentam.

Distúrbios e transtornos de aprendizagem, pouco domínio de classe do professor, a permanência do aluno por muito tempo em sala de aula, aulas monótonas e pouco atrativas e, finalmente, o despreparo do professor foram outras respostas mencionadas e atribuídas aos fatores que contribuem para a indisciplina.

Dentre estas respostas, é pertinente observar que alguns docentes atribuem a indisciplina à monotonia, ao despreparo do professor, ou seja, a falhas na prática pedagógica. Nesse sentido, Aquino (1996, p. 54) afirma que “é certo que o professor também tem que reaprender seu ofício e reinventar seu campo de conhecimento a cada encontro.” Ele sinaliza, então, para uma prática docente reinventada, que precisa se renovar a cada dia e buscar novas ideias para tornar as aulas mais interessantes e atrativas.

O próximo questionamento dizia respeito à postura que o professor deve ter para enfrentar a indisciplina em sala de aula. Seis professores acreditam que é preciso buscar uma parceria entre família e escola; em seguida, cinco responderam que é importante construir um relacionamento com o aluno que imprima respeito mútuo, impondo limites, mas também ouvindo-o e construindo, coletivamente, por meio de diálogo e debate, as regras que deverão ser cumpridas no decorrer do ano letivo, os chamados combinados.

Para Aquino (1996, p.50) a solução para os problemas de indisciplina está justamente no relacionamento professor-aluno, pois, segundo ele, “a saída possível está no coração mesmo da relação professor-aluno, isto é, nos nossos vínculos cotidianos e, principalmente na maneira com que nos posicionamos perante o nosso outro complementar”.

Além dessas, houve também as seguintes respostas: o encaminhamento do indisciplinado para a equipe de orientação educacional, psicólogos; e fazer os alunos refletirem sobre seus direitos e deveres.

Com relação à pergunta do papel do coordenador pedagógico e da equipe gestora diante da indisciplina, temos como o que foi mais mencionado: a importância de manter um diálogo com as crianças e a necessidade de se firmar uma parceria com a família, reafirmando, assim, a necessidade do coordenador de atuar como conciliador de conflitos.

As demais considerações feitas foram: elaborar projetos específicos para sanar a indisciplina; o coordenador e equipe gestora precisam tomar uma postura de autoridade, aplicando as sanções constantes no regimento escolar; e acionar a equipe de apoio pedagógico.

É notável, com essas respostas dadas pelos professores, que precisamos rever e refletir, constantemente, sobre nossa prática pedagógica, que, muitas vezes, torna-se ineficaz e necessita de um aperfeiçoamento, o qual é feito com a formação continuada, com o interesse do docente em buscar novos conhecimentos, novas estratégias de alcançar o interesse e o gosto do aluno pela aprendizagem.

No entanto, o professor não consegue atingir o objetivo de uma educação de qualidade sozinho, pois necessita do apoio da equipe diretiva, do coordenador pedagógico, das equipes de apoio à aprendizagem, psicólogo e orientador educacional, que não podem trabalhar isoladamente. Por isso, existe o projeto

político-pedagógico da escola, que é elaborado coletivamente e deve ser colocado em prática também coletivamente.

Além disso, é importante fazer uma parceria da escola com a família, pois, assim, existe a possibilidade de conhecer melhor o aluno, sua história de vida e construir uma relação de respeito mútuo. É uma tarefa difícil, fazer com que todos os envolvidos no processo educativo cumpram o seu papel, no entanto, faz-se necessário o empenho e esforço por parte da escola para que isso aconteça.

Os dois últimos questionamentos diziam respeito à interferência da indisciplina na aprendizagem e as ações ou projetos que a escola realiza com o intuito de amenizar a indisciplina. Ao primeiro questionamento, foi respondido, com maior frequência, que a indisciplina interfere na aprendizagem porque tira a concentração de todos em sala de aula, torna o ambiente tumultuado e o professor perde muito tempo tentando manter a ordem, fazendo as intervenções, lembrando as regras estipuladas anteriormente pelo grupo. Novamente, é retomado o pensamento de Aquino (1996, p. 47), que explica esta última situação como desvio de função, isso porque “a tarefa docente é razoavelmente bem definida, isto é, encerra-se no conhecimento acumulado.” Ou seja, o professor deve preocupar-se com suas atribuições didático-pedagógicas, já que a moralização da criança é função da família.

Para concluir a análise deste questionário, temos as ações que a escola desenvolve para amenizar a indisciplina, que são o encaminhamento ao serviço de orientação educacional, que trabalha com palestras, oficinas, projetos de valores realizados na escola como um todo, trabalhos de sensibilização da família, intervenções individuais realizadas pelo professor e coordenadores e, por fim, estimular os professores a planejar aulas mais interessantes com o compartilhamento de saberes durante as coordenações pedagógicas coletivas.

O questionário para os alunos foi aplicado em uma turma do 2º ano dos anos iniciais do Ensino Fundamental, composta por 14 alunos, sendo 8 meninos e 6 meninas. Desses, doze responderam ao questionário, porque dois alunos faltaram no dia da aplicação. Antes de responderem ao questionário, foi promovida uma conversa informal a respeito do tema indisciplina, buscando conceituar e refletir sobre suas causas.

Quando indagados sobre o que é indisciplina na sala de aula, as respostas que ficaram mais evidentes foram duas: para as crianças, indisciplina é não respeitar o professor, bagunçar e xingar; assim como desobedecer regras em geral. A resposta menos citada foi não fazer o dever. Nota-se que os alunos sabem o significado de indisciplina e são honestos em suas afirmações, inclusive quando perguntados sobre como é seu comportamento, se bagunça ou não. Questionados a esse respeito, metade da turma afirma que tem bom comportamento, ao passo que a outra metade admite conversar fora de hora às vezes e reconhece que determinados atos de indisciplina, já citados anteriormente, tiram sua concentração, atrapalhando a aprendizagem.

Com essas afirmações das crianças, percebe-se que as regras, quando combinadas e acordadas, têm um efeito positivo. Vê-se, ainda, que, se acontecem momentos de indisciplina, eles podem estar relacionados a uma diversidade de fatores como aulas desinteressantes ou atividades muito complexas para o nível da turma. Além disso, as crianças gostam quando são estabelecidas regras que precisam ser cumpridas e tem consciência quando as estão desrespeitando. É indubitável considerar que é muito difícil permanecer durante cinco horas em sala de aula no total silêncio e o professor deve considerar e entender que a interação verbal entre os alunos, num trabalho em dupla ou em grupo, por exemplo, também produz aprendizagens.

Quando foram questionados sobre suas opiniões ou sugestões acerca de que atitudes poderiam ser tomadas para melhorar o seu comportamento, seis alunos responderam que é preciso ficar quieto e fazer as atividades propostas; outros, que o professor precisa conversar com os que não cumprem as regras; e, por último, alguns disseram que é preciso deixar sem recreio quem não faz a tarefa.

É possível observar, com essas respostas das crianças, que elas admitem e têm consciência de que, no ambiente escolar, é preciso ter regras de convivência a fim de obterem sucesso na aprendizagem. Da mesma forma, afirma Parrat-Dayan (2008, p. 38) que “para que a convivência seja produtiva, as regras que organizam a relação na sala de aula devem ser negociadas e explicadas”. Isso implica dizer que devem existir regras que precisam ser respeitadas, porém, elas devem ser discutidas e estabelecidas pela coletividade, ou seja, entre professor e alunos.

Tais respostas também levam a crer que as crianças consideram importante haver uma punição, ou seja, uma consequência para quem transgrede as leis estabelecidas na sala de aula por todos. O professor deve aproveitar essa consciência das crianças em relação à indisciplina para trabalhar as questões da importância da cooperação e respeito, no ambiente escolar, assim como na vida social, e que todos devem assumir as suas responsabilidades, inclusive a responsabilidade de desenvolver seu próprio aprendizado, por meio de um comportamento adequado para a sala de aula.

4.2 OBSERVAÇÃO

A observação foi realizada, durante dois dias, na mesma turma, na qual a professora regente costuma organizar, junto com os alunos, a agenda das atividades que são realizadas no decorrer da aula.

No primeiro dia de observação, a docente iniciou um trabalho sobre animais e sua classificação por meio de leitura e interpretação de textos. Ela pediu, inicialmente, que as crianças lessem o texto, silenciosamente. Em seguida, leu para os alunos e pediu que eles também lessem, em voz alta.

No momento de debater sobre o assunto, houve um pequeno tumulto, pois as crianças queriam falar ao mesmo tempo. Imediatamente, a professora interrompeu a aula para fazer um acordo com elas: combinaram que quem quisesse se manifestar teria que levantar a mão em silêncio. Os alunos logo concordaram e a aula seguiu mais tranquila. Na hora de realizar as atividades de interpretação escrita, dois alunos começaram a andar pela sala, mexendo com os colegas. Imediatamente, a professora chamou a atenção deles e eles voltaram a seus lugares e atividades.

Ao retornar do recreio, as crianças estavam bastante agitadas e, de acordo com a agenda, seria o momento da história contada pela professora, atividade que fez com que os alunos voltassem à calma e à concentração. É notória a intencionalidade da professora e sua estratégia de utilizar atividades que fazem parte do currículo e, ao mesmo tempo acalmam quando trabalhadas no momento certo.

Na segunda parte da aula, a professora utiliza-se de atividades mais interessantes para as crianças, como jogos e bingos relacionados ao tema

estudado. Entretanto, nos momentos de jogos, por exemplo, há euforia, surgem conflitos, principalmente com os alunos de perfil mais agitado. Quando isso acontecia, a professora chamava os alunos para lembrar os combinados da turma para os colegas retomarem a atividade. É interessante salientar que os outros alunos, percebendo que alguns colegas descumprem os combinados, sugeriam que eles ficassem sem parte do recreio ou sem parte dos momentos das brincadeiras no parquinho. Isso reitera as ideias de Parrat-Dayan (2008, p. 70) quando diz que “se quisermos combater a indisciplina, é importante que na sala de aula possam ser discutidos, de maneira democrática, não apenas os conteúdos escolares, mas também as regras de convivência.” Momentos de debate e decisões coletivas contribuem para criar nos alunos cooperação e respeito mútuo.

No segundo dia em que foi a observação, a professora propôs que os alunos trabalhassem em grupos. Cada grupo deveria pesquisar em revistas animais dentre as classificações: mamíferos, aves, peixes, répteis e anfíbios. Nesse dia, houve certa agitação e conflitos verbais entre as crianças de um grupo no momento de confeccionar o cartaz que era único para cada grupo.

A professora precisava mediar esses conflitos pedindo que conversassem e resolvessem a melhor maneira para dispor as figuras e confeccionar o cartaz. Nesse momento, começaram o diálogo chegando à conclusão de que cada um teria uma função: um escreveria, o outro iria recortar as figuras, outro colar etc. Esse episódio levou algum tempo até ser solucionado e as crianças retornassem à classificação dos animais, comprovando o que os professores afirmaram nos questionários que o docente perde bastante tempo mediando conflitos, tempo esse que poderia ser aproveitado no trabalho pedagógico e na aquisição de mais conhecimentos pelos alunos.

Diante dos resultados desta análise de dados, é possível concluir que educar no mundo atual não é tarefa fácil. O professor precisa equilibrar e construir disciplina e conhecimentos com os alunos de maneira satisfatória e, ademais, é necessário mobilizar todos os setores da comunidade escolar (equipe diretiva, coordenadores, equipe psicopedagógica, pais e professores), cada um exercendo seu papel de fato, a fim de conseguir melhores resultados na aprendizagem das crianças. Acontece que, quando algum desses envolvidos não cumpre seu papel, outro se sobrecarrega, tentando exercer dois papéis; e acaba por prejudicar a qualidade do

ensino. Torna-se indispensável, então, um bom projeto político-pedagógico da escola, um trabalho pedagógico dos professores efetivamente coletivo, uma constante formação do docente e um coordenador pedagógico atuante, intermediando esses setores, buscando a constante reflexão dos professores acerca de sua prática pedagógica. Por fim, é preciso uma escola mais democrática, onde as decisões e as mudanças são responsabilidade de todos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa procurou revelar o papel da escola e do coordenador pedagógico diante da indisciplina na sala de aula.

Neste estudo, muitas reflexões e explicações existem para as causas da indisciplina, algumas subjetivas e complexas; outras, divergentes. Diante de tantas explanações e pontos de vista, o que fica claro, de fato, é que há a necessidade evidente de mudanças para solucionar o problema da indisciplina.

Em primeiro lugar, mudanças na postura do professor, o qual precisa compreender que a sociedade mudou e a escola demora a mudar. As crianças têm diferentes culturas que devem ser consideradas e valorizadas; e, por causa dessa diversidade de culturas, é natural que os conflitos apareçam. O papel do professor, bem como do coordenador pedagógico e da escola como um todo, é considerar o aluno como sujeito ativo no processo educativo, percebendo a criança como sujeito crítico e construtor de conhecimentos.

Pensando assim, pode-se inferir que a criança pode e deve refletir acerca de seu comportamento, dos benefícios de um ambiente escolar propício a novas aprendizagens. A escola, por sua vez, deve reconhecer isso, promovendo debates, reflexões, enfim, oportunizando ao aluno falar o que sente e contribuir para a melhoria dos mecanismos que levam a um bom andamento da aula.

Em segundo lugar, é importante ressaltar, também, a importância da formação continuada que o professor precisa ter como hábito, a fim de melhorar sua prática pedagógica. É papel do coordenador pedagógico estimular, constantemente, os professores para essa formação.

É indiscutível que construir um ambiente de disciplina na aula que favoreça a aprendizagem não é uma tarefa fácil, mas o fato é que a disciplina e a indisciplina fazem parte do ambiente escolar. Assim, mesmo que as causas sejam múltiplas, é de fundamental importância que se busque, dentro da escola, a solução ou, pelo menos, que se amenize a situação, embora isso leve algum tempo.

Outro importante ponto a ser considerado é buscar a aproximação da família para a escola e para a vida escolar dos filhos. Os pais e o professor precisam estar em sintonia e buscar uma parceria com o objetivo comum: a melhoria da qualidade do ensino, a construção de aprendizagens, a formação de cidadania.

Essas foram as respostas encontradas com relação ao objetivo geral da pesquisa a respeito do papel da escola e do coordenador pedagógico diante da indisciplina na escola.

Os objetivos específicos desta pesquisa foram a) buscar soluções para os problemas de indisciplina na escola; b) analisar as ações realizadas pela escola e coordenador pedagógico; e c) refletir sobre a importância da formação continuada foram alcançados, apesar de reconhecermos que o estudo merecia uma maior disponibilidade de tempo com vistas a apresentar resultados mais consistentes.

Nesse panorama dos objetivos específicos, o coordenador pedagógico tem como papel em relação à indisciplina de mediador de conflitos, assim como o professor, de chamamento dos pais, de buscar uma parceria com a família e de incentivar os professores a uma constante formação continuada.

As dificuldades encontradas no processo de construção da monografia existiram em relação à coleta de dados, pois os professores estavam em greve nesse período e houve uma dificuldade na devolução dos questionários respondidos, mas tratou-se apenas de uma demora que não prejudicou demasiadamente o desenvolvimento da pesquisa.

Essa pesquisa traz uma contribuição no sentido de se perceber a importância de uma prática pedagógica reflexiva, na qual o professor precisa estar aberto a mudanças, porque o mundo muda e a escola precisa acompanhar tais mudanças.

Outra contribuição é a questão da relação professor e aluno, que deve ser pautada no respeito mútuo, na valorização da criança como ser pensante com opiniões que devem ser consideradas.

E, por último, essa pesquisa enfatiza a importância da coordenação pedagógica como um espaço não apenas de planejamento, mas também de estudos, de reflexão sobre a prática pedagógica, de necessidade de mudança de postura diante das crianças da escola atual. De igual modo, concebe a importante figura do coordenador pedagógico, que precisa articular todos esses aspectos, integrando-os aos processos educativos, pensando nos maiores objetivos da educação, que são a aprendizagem e a construção da cidadania.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso. **O que é indisciplina?** Disponível em: <http://www2.escolainterativa.com.br/canais/20_encontros_tem/encontros/material/2013_CelsoAntunes.pdf>. Acesso em: 12 setembro 2015.

AQUINO, Julio R. Groppa. **A indisciplina e a Escola atual**. Rev. Fac. Educação, vol. 24 n. 2, jul.- dez/1998, p. 181-204. São Paulo IS e I.

AQUINO, Julio R. Groppa. A desordem na relação professor – aluno: indisciplina, moralidade e conhecimento. In: AQUINO, Julio R. Groppa (Org.). **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1996. p. 39-55.

BARROSO, João. Ordem disciplinar e organização pedagógica. In: CORREIA, José A.; MATOS, Manuel (Org.). **Violência e violências da e na escola**. Porto: Afrontamento: CIIE, 2003.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. 1ªed. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

GODOY, Célia. **Gestão de conflitos: o papel do coordenador pedagógico**. Disponível em: <http://www.futuroeventos.com.br/noticias/integra.php?id=393>. Acesso em: 25 setembro 2015.

KAUARK, Fabiana da Silva; MANHÃES, Fernanda Castro; MEDEIROS, Carlos Henrique. **Metodologia de pesquisa: um guia prático**. Itabuna: Via Litterarum, 2010.

LAJONQUIÈRE, Leandro de. A criança, “sua” (in)disciplina e a psicanálise. In: AQUINO, Júlio R. Groppa (Org.). **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1996. p. 25- 37.

LA TAILLE, Yves de. A indisciplina e o sentimento de vergonha. In: AQUINO, Júlio R. Groppa (Org.). **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1996. p. 9-23.

LOPES, Rosilene Beatriz. Paz na sala de aula é uma condição para o sucesso escolar: que revela a literatura?. **Revista Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, v. 20, n. 75, p. 261-282, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v20n75/03.pdf>>. Acesso em: 11 outubro 2015.

MAINARDES, Carolina. A mediação de conflitos. **Gestão Educacional**, (online), 26 junho 2015. Disponível em: <http://www.gestaoeducacional.com.br/index.php/especiais/coordenador-pedagogico/1208-a-mediacao-de-conflitos>. Acesso em: 25 setembro 2015.

MENDES, Fabiane Mathias Delattre; HADDAD, Jane Patrícia; SANTOS, Lucélia Gonçalves dos. Reflexões sobre a indisciplina escolar: visão dos coordenadores pedagógicos e a educação como ato de acolher. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO, 16., Cachoeira do Sul, 2011.

Anais do XVI Seminário Internacional de Educação: docência nos seus múltiplos espaços. Cachoeira do Sul; Universidade Luterana do Brasil, 2011. p. 538-547.

NASCIMENTO, Jakeliny Kelly Pinheiro da Fonseca. Indisciplina escolar: saberes e fazeres pedagógicos. **Portal Educação**, (on line), 17 abril 2014. Disponível em: <http://www.portaleducacao.com.br/pedagogia/artigos/56052/indisciplina-escolar-saberes-e-fazeres-pedagogicos>. Acesso em: 25 outubro 2015.

NEVES, José Luis. Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. **Caderno de pesquisas em administração**. São Paulo, v.1. nº3, p. 1-5, 2º semestre 1996.

PARRAT-DAYAN, Silvia. **Como enfrentar a indisciplina na escola**. São Paulo: Contexto, 2008.

PASSOS, Laurizete Ferragut. A indisciplina e o cotidiano escolar: novas abordagens, novos significados. In: AQUINO, Julio R. Groppa (Org.). **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1996. p. 117-127.

PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. O papel do coordenador pedagógico. **Revista educação**. (on line). set. 2011. Disponível em: < <http://revistaeducacao.com.br/textos/142/artigo234539-1.asp>>. Acesso em: 25 outubro 2015.

PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza; SOUZA, Vera Lúcia Trevisan de; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. O coordenador pedagógico: aportes à proposição de políticas públicas. **Cadernos de pesquisa**. (on line). v. 42, nº147, p. 754-771. set./ dez. 2012. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/cp/v42n147/06.pdf>. Acesso em: 25 outubro 2015.

REGO, Teresa Cristina R. A indisciplina e o processo educativo: uma análise na perspectiva vygotskiana. In: AQUINO, Julio R. Groppa (Org.). **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1996. p. 83-101.

VASCONCELLOS, Celso dos S. **Os desafios da indisciplina em sala de aula e na escola**. Disponível em: <http://www.celsovasconcellos.com.br/Textos/indi.pdf>. Acesso em: 30 outubro 2015.

VINHA, Telma Pileggi. Autoridade autoritária. **Revista escola**, (on line), São Paulo, outubro 2009. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/formacao/autoridade-autoritaria-504466.shtml?page=1>. Acesso em: 24 setembro 2015.

APÊNDICES

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO AO PROFESSOR

Prezado Professor,

Este questionário é parte integrante de um projeto de pesquisa para fins de conclusão do Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica com a temática da indisciplina na escola e o papel do coordenador pedagógico diante desse problema.

Peço que responda com sinceridade. Não precisa de sua identificação.
Meus sinceros agradecimentos pela sua contribuição.

1. O que você considera como indisciplina na sala de aula?

2. Que fatores você considera que contribuem para que o aluno seja indisciplinado?

3. Que postura o professor deve tomar para enfrentar e solucionar a indisciplina em sala de aula?

4. Qual é o papel do coordenador e da equipe gestora diante da indisciplina na escola?

5. Você acha que a indisciplina em sala de aula interfere na aprendizagem das crianças? De que forma?

6. Quais as ações/projetos que a escola (equipe gestora, coordenação) realiza no intuito de amenizar os problemas de indisciplina?

APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS

Prezado aluno,

Este questionário é parte integrante de um projeto de pesquisa para fins de conclusão do Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica com a temática da indisciplina na escola e o papel do coordenador pedagógico diante desse problema.

Peço que responda com sinceridade. Não precisa colocar seu nome.

Meus sinceros agradecimentos pela sua contribuição.

1. O que você acha que é indisciplina na sala de aula?

2. Como é seu comportamento em sala? Você conversa muito ou bagunça? Por quê?

3. O que você acha que pode ser feito para melhorar o comportamento dos alunos da sua sala?

4. As aulas que você tem são interessantes? Do que você não gosta?

5. Quando tem barulho, agitação na sala, você aprende mesmo ou te atrapalha? Por quê?
